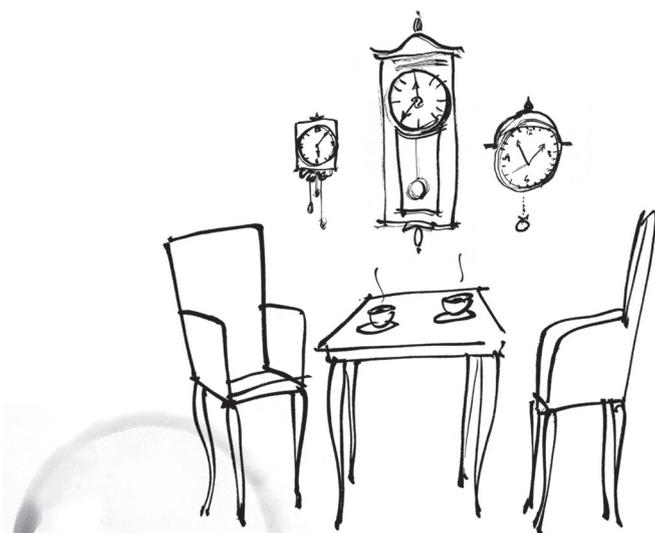


• Antes que o Café esfrie



TOSHIKAZU KAWAGUCHI



# Antes que o Café esfrie.

*Tradução (do inglês)*

Priscila Catão

valentina 

Rio de Janeiro, 2022

1ª Edição

*Copyright* © 2015 by Toshikazu Kawaguchi.  
Publicado originalmente no Japão por Sunmark Publishing, Inc., Tóquio.

TÍTULO ORIGINAL  
*Before the coffee gets cold*

CAPA  
Raul Fernandes

FOTO DO AUTOR  
Nobuyuki Kagamida

DIAGRAMAÇÃO  
Kátia Regina Silva | editorfarte

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*  
2022

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
MERI GLEICE RODRIGUES DE SOUZA – BIBLIOTECÁRIA CRB-7/6439

K32a

Kawaguchi, Toshikazu

Antes que o café esfrie / Toshikazu Kawaguchi; tradução (do inglês) Priscila  
Catão. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2022.  
208p.; 21 cm.

ISBN 978-65-88490-36-5

1. Romance japonês. I. Catão, Priscila. II. Título.

22-75692

CDD: 895.63

CDU: 82-31(52)

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

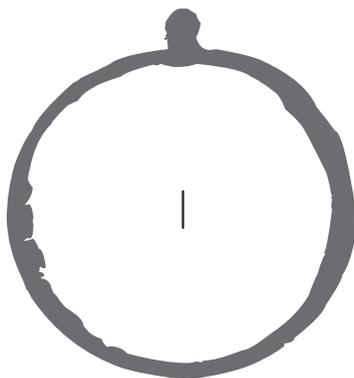
*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana  
Rio de Janeiro – 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravalentina.com.br

## SUMÁRIO

I. OS NAMORADOS .....	7
II. MARIDO E MULHER .....	61
III. AS IRMÃS .....	111
IV. MÃE E FILHA.....	163

SE FOSSE POSSÍVEL VIAJAR NO TEMPO,  
QUEM VOCÊ GOSTARIA DE ENCONTRAR?



## OS NAMORADOS

– Nossa, já está tão tarde assim? Sinto muito, mas preciso ir embora – murmurou o homem, evasivo, enquanto se levantava e estendia o braço para pegar sua bolsa.

– É sério? – questionou a mulher.

Confusa, lançou-lhe um olhar furioso. Não o escutara dizer que estava tudo acabado. É que ligara para ela – sua namorada havia dois anos – dizendo que queria ter uma *conversa séria*... mas agora estava anunciando, de repente, que ia trabalhar nos Estados Unidos. E partiria de imediato – em algumas horas. Mesmo sem ter escutado as palavras, neste momento ela entendeu que a *conversa séria* era para terminar o namoro. Agora ela sabia que tinha sido um erro pensar – esperar – que a *conversa séria* fosse incluir um “quer casar comigo?”, por exemplo.

– É sério o quê? – indagou o homem secamente, sem fazer contato visual com ela.

– Não mereço uma explicação? – perguntou ela.

A mulher falou com um tom inquisitivo que o homem achava particularmente desagradável. Eles estavam num café subterrâneo, sem janelas. A iluminação era composta apenas de

seis luminárias com cúpula, penduradas no teto, e de uma única arandela perto da entrada. Um tom sépia tingia por completo o interior do café. A não ser que você tivesse horas, não havia como saber se era dia ou noite.

O café possuía três relógios de parede grandes e antigos. Os ponteiros de cada um, no entanto, mostravam horas diferentes. Era proposital? Ou estavam apenas quebrados? Os clientes novos nunca entendiam por que ficavam assim. A única opção que tinham era conferir os próprios relógios de pulso. Foi o que o homem fez. Enquanto checava as horas, começou a esfregar a sobrancelha direita, ao passo que o lábio inferior se projetava levemente.

A mulher achava essa expressão particularmente irritante.

– Está com essa cara por quê? Como se eu é que estivesse sendo desagradável – reagiu ela de forma brusca.

– Não foi minha intenção – respondeu, sem jeito.

– Foi, sim! – insistiu ela.

Com o lábio inferior se projetando mais uma vez, ele fugiu do olhar dela e não retrucou.

O comportamento blasé do homem enfurecia a mulher cada vez mais. Ela franziu a testa.

– Vai mesmo querer que eu diga?

Ela estendeu a mão para pegar o café, cujo calor já tinha se dissipado. Tendo perdido a parte mais saborosa da experiência, seu humor despencou ainda mais.

O homem checou o relógio de novo e calculou quanto tempo tinha antes do embarque. Precisaria sair do café muito em breve. Sem conseguir se recompor a contento, seus dedos terminaram voltando para a sobrancelha.

Vê-lo tão obviamente preocupado com a hora a irritava. Ela largou a xícara de qualquer jeito na mesa, batendo-a com força no pires. *Plaft!*

O barulho alto o sobressaltou. Os dedos, que estavam ocupados acariciando a sobrancelha direita, começaram a puxar o

cabelo. Mas então, após respirar fundo, voltou a se sentar e a encarou. De repente, a expressão facial dele parecia ter retornado à calma.

Na verdade, a mudança no rosto do homem fora tão nítida que a mulher ficou um tanto surpresa. Ela olhou para baixo, encarando as próprias mãos, unidas no colo.

O homem, preocupado com a hora, não esperou que ela olhasse para cima.

– Escute, veja só... – começou.

Ele não estava mais murmurando; parecia tranquilo e equilibrado.

Mas, como se tentasse impedir as próximas palavras dele, ela perguntou, ainda de cabeça baixa:

– Por que não vai embora de uma vez?

A mulher, que antes queria uma explicação, agora já não queria mais saber de escutá-la. O homem ficou sentado sem se mexer, como se o tempo tivesse parado.

– Não está na hora de você ir? – falou, com a petulância de uma adolescente.

Perplexo, ele a encarou. Parecia não estar entendendo o que ela queria dizer.

Como se tivesse percebido o quanto estava soando infantil e irritante, ela desviou o olhar, constrangida, e mordeu o lábio. Ele voltou a se levantar da cadeira e falou com a garçonete atrás do balcão.

– Com licença... traz a continha por favor – pediu em voz baixa.

O homem tentou pegar a conta, mas a mão da mulher a pressionou contra a mesa.

“Pode deixar, vou ficar mais um tempinho aqui... *eu pago.*”

Era o que ela queria ter dito, mas ele puxara a conta de baixo da mão dela com facilidade e estava se dirigindo ao caixa.

– Pode passar tudo, obrigado.

– Ei, deixa que eu pago.

Sem se levantar da cadeira, a mulher estendeu a mão para o homem.

Mas ele se recusou a olhá-la. Tirou uma nota de mil ienes da carteira.

– E pode ficar com o troco – disse ele enquanto entregava a nota com a conta.

Por uma fração de segundo, o homem virou o rosto tomado pela tristeza para a mulher enquanto pegava a bolsa e ia embora.

## DING-DONG

– ... e hoje já faz uma semana que isso aconteceu – contou Fumiko Kiyokawa.

O tronco tombou sobre a mesa como um balão murchando. Enquanto desabava, de alguma maneira ela conseguiu não derramar a xícara de café a sua frente.

A garçonete e a cliente sentada ao balcão, que ouviam a história de Fumiko, entreolharam-se.

Antes de concluir o ensino médio, Fumiko já dominava seis idiomas. Após se formar como a melhor aluna da turma na Universidade Waseda, começou a trabalhar em Tóquio, numa importante empresa de TI para a área médica. Logo em seu segundo ano de empresa, já comandava diversos projetos. Era o epítome da mulher moderna, inteligente e focada na carreira.

Hoje, vestia uma roupa social comum: blusa branca, saia preta e blazer. A julgar pelo visual, estava voltando para casa depois do trabalho.

A aparência de Fumiko era fora do comum. Abençoada com feições bem definidas e lábios delicados, tinha o rosto de um ídolo pop. O cabelo, de comprimento médio, brilhava e a coroava com uma auréola reluzente. Apesar das roupas conservadoras, era fácil distinguir sua admirável silhueta. Como uma modelo de revista de moda, ela era uma mulher bonita

que atrairia qualquer olhar. Sim, uma mulher que combinava inteligência e beleza. Agora, se tinha noção disso... já era outra história.

Antigamente, Fumiko não costumava ligar para esse tipo de coisa – vivia apenas para o trabalho. É claro que isso não significava que ela nunca namorava. É que os namoros não a atraíam tanto quanto o trabalho. “Meu namorado é o meu trabalho”, dizia ela. Recusava as investidas como se estivesse dando petelecos em partículas de poeira.

O homem de quem ela estava falando era Goro Katada. Goro era engenheiro de sistemas e, assim como Fumiko, trabalhava numa empresa de saúde, mas não muito importante. Ele era namorado dela – ele *era* namorado dela –, e três anos mais jovem. Tinham se conhecido dois anos antes por intermédio de um cliente para o qual ambos fizeram um projeto.

Uma semana atrás, Goro dissera para Fumiko que queria encontrá-la para ter uma “conversa séria”. Ela chegara ao ponto de encontro usando um elegante vestido rosa-claro, uma jaqueta bege meia-estação e escarpins brancos, tendo chamado a atenção de todos os homens pelos quais passara no caminho. Era um novo visual para Fumiko. Sempre fora tão *workaholic* que, antes do relacionamento com Goro, tudo o que tinha no armário eram terninhos. Ela também usara terninhos nos seus encontros com Goro – afinal, costumavam se ver mais após o trabalho.

Goro dissera *conversa séria*, e Fumiko tinha achado que isso significava que o encontro seria especial. Então, cheia de expectativas, comprou uma roupa só para a ocasião.

Eles chegaram ao café escolhido e encontraram um aviso na fachada dizendo que estava fechado devido a um imprevisto. Fumiko e Goro ficaram decepcionados. O café teria sido ideal para uma conversa séria, pois cada mesa tinha sua própria cabine privativa.

Sendo obrigados a achar outro lugar adequado, avistaram um pequeno letreiro em uma ruazinha silenciosa, quase um

beco. Por ser um café subterrâneo, não tinham como saber como era por dentro, mas Fumiko se sentiu atraída pelo nome, que era o título de uma música que ela cantava na infância, e eles toparam entrar.

Fumiko se arrependeu da decisão assim que deu uma olhada no local. Era ainda menor do que imaginara. O café tinha lugares no balcão e nas mesas, mas, com apenas três assentos no balcão e três mesas para duas pessoas, bastavam nove clientes para lotá-lo.

A não ser que a *conversa séria* que pesava na mente de Fumiko fosse ser sussurrada, ela seria completamente ouvida pelos demais. Outro ponto negativo era que, devido a algumas luminárias, tudo ali parecia sépia... não tinha nada a ver com o gosto dela.

Um lugar para negociações suspeitas...

Foi a primeira impressão que Fumiko teve da atmosfera. Ela se aproximou nervosa da única mesa vazia e se sentou. Havia três outros clientes e uma garçonete.

Na mesa mais distante, uma mulher de vestido branco de mangas curtas lia um livro em silêncio. Na mesa mais próxima da entrada, um homem de aparência comum. Tinha uma revista de viagem aberta sobre a mesa e fazia anotações num minúsculo caderno. A mulher sentada à frente do balcão estava usando uma regata de um vermelho bem vivo e uma legging verde. Tinha um quimono sem mangas pendurado no encosto de seu banco, e ainda estava com rolos no cabelo. Ela encarou Fumiko rapidamente, abrindo um grande sorriso. Em vários momentos durante a conversa entre Fumiko e Goro, a mulher fez comentários para a garçonete enquanto soltava gargalhadas.



Ao ouvir a explicação de Fumiko uma semana depois, a tal mulher de rolos no cabelo disse apenas:

– Saquei...

Na verdade, não tinha *sacado* nada – estava apenas continuando a conversa com a resposta apropriada. Seu nome era Yaeko Hirai. Cliente do café, ela acabara de completar 30 anos e trabalhava numa lanchonete, ou melhor, administrava um *host club*.<sup>\*</sup> Sempre ia lá tomar uma xícara de café antes do trabalho. Estava com os rolos de novo, mas hoje vestia um top amarelo e decotado, uma minissaia vermelha brilhante e uma leggings de um roxo chamativo. Hirai estava sentada de pernas cruzadas no banco do balcão enquanto escutava Fumiko.

– Foi uma semana atrás. Você lembra, né? – disse Fumiko ao se levantar, dirigindo sua atenção para a garçonete atrás do balcão.

– Hum... lembro, sim – respondeu a garçonete, constrangida, sem olhar para Fumiko.

O nome dela era Kazu Tokita. Trabalhava como garçonete e estudava na Universidade de Artes de Tóquio. Tinha um rosto bonitinho, pele clara e olhos puxados em formato de amêndoa, mas suas feições não eram, digamos, memoráveis. Era o tipo de rosto que, quando alguém olhava, fechava os olhos e tentava lembrar o que tinha visto, nada lhe vinha à mente. Em suma, passava despercebida. Não tinha presença. Também não tinha muitos amigos. Não que ela se preocupasse com isso – Kazu era o tipo de pessoa que achava as relações interpessoais um tanto entediadas.

– E... cadê ele? Onde ele está agora? – perguntou Hirai, brincando com a xícara na mão, sem parecer muito interessada.

---

<sup>\*</sup> Tipo de bar no Japão onde os clientes pagam um preço mais caro pelas bebidas para poder interagir – conversando e flertando, por exemplo – com as mulheres/homens que trabalham no estabelecimento. (N.T.)

– Nos Estados Unidos – informou Fumiko, enchendo as bochechas de ar.

– Então seu namorado escolheu o trabalho. – Hirai tinha o talento de ir direto ao ponto.

– Não, não foi isso! – protestou Fumiko.

– Ora... foi isso, sim. Ele foi para os Estados Unidos ou não foi? – insistiu Hirai, com dificuldade para compreender a história.

– Você não entendeu quando expliquei? – retrucou Fumiko com veemência.

– Que parte?

– Eu queria gritar “não vá”, mas fui orgulhosa demais.

– Poucas mulheres admitiriam isso! – exclamou Hirai ao se recostar com um sorrisinho sarcástico, desequilibrando-se e quase caindo do banco.

Fumiko ignorou a reação de Hirai.

– Você entendeu, né? – disse ela, buscando apoio em Kazu. Kazu fingiu refletir por um instante.

– Você está dizendo que não queria que ele fosse para os Estados Unidos, não é?

Kazu também costumava ir direto ao ponto.

– Bem, acho que... pois é, eu não queria. Mas...

– É difícil te entender – disse Hirai jovialmente, após ver que Fumiko não estava conseguindo ser clara.

Se Hirai estivesse no lugar de Fumiko, ela simplesmente teria desatado a chorar. “*Não vá!*”, teria gritado. É óbvio que seriam lágrimas de crocodilo. Lágrimas são uma arma para as mulheres – essa era a filosofia de Hirai.

Fumiko se virou para Kazu. Seus olhos brilhavam.

– Enfim, eu preciso que você me transporte para aquele dia... aquele de uma semana atrás! – implorou ela com o rosto bem sério.

Hirai foi a primeira a reagir à loucura do pedido para ser transportada para uma semana atrás:

– Ela está falando sobre voltar no tempo?! – disse Hirai, de sobranceiras erguidas e olhando para Kazu.

Parecendo constrangida, Kazu simplesmente murmurou:

– Tá...

E não acrescentou mais nada.

Vários anos haviam se passado desde a época em que o lugar se tornara famoso devido a uma lenda urbana que alegava que era capaz de fazer as pessoas viajarem no tempo. Sem interesse algum por esse tipo de coisa, Fumiko deixara a informação se esvaecer de sua memória. Tinha ido ao café uma semana atrás por puro acaso. Ontem à noite, contudo, assistindo a um programa de variedades na tevê... Na abertura, o apresentador falou de “lendas urbanas”, e, como se um raio tivesse caído na sua cabeça, ela recordou do café. *O café que faz a pessoa viajar no tempo*. Era uma vaga recordação, mas ela se lembrou dessa frase com clareza.

*Se eu voltar para o passado, talvez eu consiga corrigir as coisas. Talvez eu possa conversar com Goro outra vez.* Repetiu mentalmente seu extravagante desejo várias vezes. Ficou obcecada por ele e terminou perdendo o bom senso.

Na manhã seguinte, foi para o trabalho, esquecendo-se completamente de tomar o café da manhã. Mas sua mente não estava no trabalho. Ficou sentada, obcecada com o passar das horas. *Eu quero ter certeza, só isso.* Assim que pudesse, ela tentaria descobrir se aquilo era de fato possível. Seu dia no trabalho foi uma longa sucessão de erros por total descuido. A atenção estava tão instável que um colega perguntou se ela estava bem. No fim do dia, a cabeça já se encontrava totalmente nas nuvens.

De metrô, demorou trinta minutos para ir da empresa ao café. Foi praticamente correndo da saída da estação até lá. Após entrar um tanto ofegante, aproximou-se de Kazu.

– Por favor, me faça voltar no tempo! – implorou antes mesmo que Kazu pudesse terminar de dizer *Olá, seja bem-vinda.*

Manteve o entusiasmo até terminar a explicação. Mas agora, ao ver a reação das duas mulheres, acabou ficando constrangida.

Hirai continuou encarando-a com um sorrisinho, enquanto Kazu se mantinha inexpressiva e evitava qualquer tipo de contato visual.

*Se fosse realmente possível viajar no tempo, acho que aqui estaria lotado de gente*, pensou Fumiko. Mas as únicas pessoas no café eram a mulher de vestido branco, o homem com sua revista de viagem, Hirai e Kazu – os mesmos rostos que estavam lá uma semana atrás.

– É possível voltar, né? – perguntou ela, ansiosa.

Talvez tivesse sido prudente começar com essa pergunta. Mas não adiantava nada perceber isso só agora.

– Bem, é ou não? – insistiu ela, encarando Kazu do outro lado do balcão.

– Hum. Bem... – respondeu Kazu.

Os olhos de Fumiko brilharam outra vez. Ela não tinha escutado um *não*.

Então, começou a ser tomada pela empolgação.

– Por favor, me faça voltar! – implorou com tanta intensidade que parecia que ia saltar por cima do balcão.

– Você quer voltar pra fazer o quê? – perguntou Hirai com tranquilidade, entre os goles em seu café morno.

– Eu queria me redimir – explicou, com o rosto sério.

– Saquei... – disse Hirai dando de ombros.

– Por favor! – exclamou, e suas palavras reverberaram pelo café.

Fazia muito pouco tempo que a ideia de se casar com Goro lhe ocorrera. Completaria 28 anos naquele ano, e os pais, que moravam em Hakodate, em inúmeras ocasiões haviam perguntado: “*Não está pensando em se casar? Ainda não conheceu nenhum rapaz agradável?*”, e coisas do tipo. A insistência de seus pais tinha se intensificado desde o ano passado, quando a irmã de 25 anos se casou. Agora chegara a ponto de

receber e-mails semanais. Além da irmã mais nova, Fumiko tinha um irmão de 23 anos. Ele se casara com uma moça da cidade natal deles após uma gravidez inesperada, deixando apenas Fumiko solteira.

Fumiko não sentia pressa alguma, mas a cabeça mudou um pouco após o casamento da irmã caçula. Ela começara a pensar que talvez fosse aceitável se casar, se fosse com Goro.

Hirai tirou um cigarro de sua bolsa de oncinha.

– Talvez seja melhor explicar direito para ela, não acha?  
– disse a Kazu de um jeito pragmático enquanto se animava.

– Acho que sim – respondeu Kazu com voz inexpressiva enquanto dava a volta no balcão e parava na frente de Fumiko.

Encarou-a com uma leve ternura nos olhos, como se estivesse consolando uma criança aos prantos.

– Olha só. Quero que me escute com cuidado, ok?

– Claro – disse Fumiko, e seu corpo ficou tenso.

– Você pode voltar no tempo. É verdade, pode voltar, mas...

– Mas...?

– Quando você voltar, por mais que tente, o presente não vai mudar.

*O presente não vai mudar.* Fumiko estava totalmente despreparada para ouvir isso e não conseguiu entender.

– Hã? – estranhou ela em voz alta, sem pensar.

Kazu continuou:

– Mesmo que você volte para o passado e conte a seu... hum, namorado que foi para os Estados Unidos o que você sente... – disse com a maior calma do mundo.

– Mesmo que eu conte o que sinto?

– O presente não vai mudar...

– Como assim?

Em desespero, Fumiko cobriu os ouvidos.

Mas Kazu prosseguiu com serenidade e disse as palavras que Fumiko menos queria ouvir:

– O fato de que ele foi para os Estados Unidos.

Uma sensação de tremor se espalhou pelo corpo inteiro de Fumiko.

No entanto, com uma aparente despreocupação com os sentimentos dela, Kazu continuou a explicação:

– Mesmo que você volte para o passado, revele seus sentimentos e peça para ele não ir, o presente não vai mudar.

Fumiko reagiu impulsivamente às palavras frias e duras de Kazu:

– Então não vai adiantar porcaria nenhuma, não acha? – disse ela, num tom provocador.

– Calma... não é culpa dela – esclareceu Hirai e deu uma tragada no cigarro, parecendo nada surpresa com a reação de Fumiko.

– Por quê? – perguntou Fumiko, os olhos implorando por respostas. – Eu não entendo...

– Por quê? Eu vou te contar por que é assim – começou Kazu. – Porque é a regra.

Em qualquer filme ou livro sobre viagem no tempo, parece haver uma espécie de regra que diz *Não se meta com nada que vá mudar o presente*. Por exemplo, voltar no tempo e tentar impedir que seus pais se casassem ou se conhecessem apagaria as circunstâncias do seu nascimento e faria o seu eu atual desaparecer.

Costumava ser assim na maioria das histórias de viagem no tempo que Fumiko conhecia, então ela acreditou na regra: *Se você muda o passado, o presente de fato muda também*. Assim, ela queria voltar no tempo e ter uma chance de fazer tudo de outro jeito. Infelizmente, um sonho que não se concretizaria.

Ela queria uma explicação convincente para a existência da abominável regra de que *nada do que você fizer no passado poderá alterar o presente*. A única explicação que Kazu pôde dar foi: *Porque é a regra*. Será que ela não estava deixando de contar o motivo só para brincar com Fumiko? Ou talvez fosse um

conceito difícil demais de ser explicado. Ou, de repente, ela própria também não entendesse o motivo, como sua fisionomia, que expressava naturalidade, aparentava sugerir.

Hirai parecia estar se divertindo com a expressão de Fumiko.

– Que azar, hein – disse ela, expirando a fumaça com um nítido prazer.

Havia pensado nessa frase quando Fumiko começou a se explicar e estava esperando para dizê-la desde então.

– Mas... por quê?

Fumiko sentiu sua energia se esvaindo.

Enquanto deixava o corpo se curvar pesadamente, uma lembrança vívida logo lhe veio à mente. Ela já havia lido uma matéria sobre aquele café numa revista. Intitulava-se: “Desvendando o enigma por trás do ‘Café da Viagem no Tempo’, célebre devido a uma lenda urbana”. Em linhas gerais, o texto dizia o seguinte: o nome do café era Funiculi Funiculà. Havia se tornado famoso, com longas filas todos os dias, devido a tal viagem no tempo. Porém, não era possível encontrar ninguém que realmente tivesse voltado no tempo por causa das regras extremamente irritantes que tinham de ser seguidas.

A primeira era: *Você só pode encontrar no passado pessoas que já estiveram no café.* Assim, o propósito de viajar no tempo costumava ser frustrante. Outra regra era: *Você não pode fazer nada no passado para mudar o presente.* Perguntaram aos funcionários do café o porquê dessa regra, mas eles disseram que não sabiam.

Como o autor da matéria não conseguiu encontrar ninguém que realmente tivesse visitado o passado, continuava sendo um mistério se era possível ou não voltar no tempo. Mesmo supondo que fosse possível, o impasse de não poder mudar o presente certamente tornava toda a ideia inútil.

O texto terminava dizendo que a lenda urbana era mesmo interessante, mas que era difícil entender as origens e os propósitos. Como pós-escrito, a matéria também mencionava

que, aparentemente, havia outras regras que precisavam ser seguidas, mas que elas não tinham ficado muito claras.

Fumiko voltou a prestar atenção no café. Hirai se sentou na frente dela, à mesa, e, alegremente, continuou explicando as outras regras. Com a cabeça e os ombros ainda esparramados na mesa, Fumiko fixou o olhar no pote de açúcar, perguntando-se por que o café não usava açúcar em cubos, e ficou escutando em silêncio.

– Tem mais regras. É somente uma cadeira que permite a viagem no tempo, tá? E, enquanto estiver no passado, você não pode sair dela – disse Hirai. – O que mais, hein? – perguntou para Kazu, contando nos dedos até o número cinco.

– Tem um limite de tempo – respondeu Kazu, encarando pensativa o copo que estava secando com um paninho.

A informação veio como uma mera reflexão, como se Kazu estivesse falando sozinha.

Fumiko ergueu a cabeça, reagindo à novidade:

– Limite de tempo?!

Kazu abriu um discreto sorriso e fez que sim.

Hirai bateu a mão na mesa.

– Francamente, só de ouvir essas regras, quase todos desistem de voltar ao passado – contou, aparentemente se divertindo. E ela estava de fato sentindo um enorme prazer enquanto observava Fumiko. – Faz muito tempo que não vemos uma cliente como você, alguém obcecado com a ideia de voltar para o passado.

– Hirai... – repreendeu-a Kazu com aspereza.

– A vida não vem servida numa bandeja. Por que você não desiste de uma vez? – perguntou Hirai bruscamente, parecendo preparada para continuar falando.

– Hirai... – repetiu Kazu, agora com mais ênfase ainda.

– ã-ã. Não mesmo. Não é melhor deixar logo tudo bem claro? – disse Hirai e soltou uma ruidosa gargalhada.

Aquelas palavras foram demais para Fumiko. Sua força se esvaiu do corpo, e mais uma vez ela se prostrou e desabou sobre a mesa.

Então, do outro lado do café...

– Eu queria um refil, por favor – pediu o homem sentado à mesa que ficava mais próxima da entrada, com a revista de viagem aberta a sua frente.

– Pode deixar – respondeu Kazu.

### DING-DONG

Uma mulher tinha entrado no café sozinha. Estava de cardigã bege por cima de um vestido chemise azul-claro, tênis carmim e trazia uma bolsa branca de tecido. Os olhos eram redondos e brilhavam como os de uma menininha.

– Olá. – A voz de Kazu ressoou pelo café.

– Oi, Kazu.

– Oi, maninha!

Kazu chamou a mulher de “maninha”, mas na verdade era Kei Tokita, esposa do primo de Kazu.

– Pelo jeito, já deu para as cerejeiras – comentou Kei, parecendo não lamentar o fim da floração.

– Pois é, as árvores estão bem nuas.

O tom de voz de Kazu era educado, mas não era o mesmo tom polido e formal que adotara ao falar com Fumiko. Agora, sua voz parecia mais suave, como o canto de uma ave.

– Boa noite – disse Hirai enquanto ia da cadeira da mesa de Fumiko ao balcão, aparentando ter perdido o interesse em rir do infortúnio da moça. – Onde você estava?

– No hospital.

– Foi fazer o quê, lá? Só exames de rotina?

– Isso.

– Está um pouco mais corada hoje.

– Pois é, estou me sentindo bem.

Ao olhar para Fumiko ainda prostrada sobre a mesa, Kei inclinou a cabeça com curiosidade. Hirai fez que sim discretamente, então Kei desapareceu atrás do balcão, entrando no cômodo escuro.

## DING-DONG

Logo após Kei desaparecer, um homem enorme pôs a cabeça na porta, curvando-se para não batê-la na armação. Vestia uma jaqueta leve por cima do uniforme de chef – camisa branca e calça preta. Um imenso molho de chaves balançava na sua mão direita. Era Nagare Tokita, o proprietário.

– Boa noite – cumprimentou-o Kazu.

Nagare assentiu e desviou o olhar para o homem com a revista sentado à mesa mais próxima da entrada.

Kazu entrou na cozinha a fim de pegar um refil para a xícara vazia que Hirai segurava no ar e em silêncio, enquanto Hirai, apoiando um cotovelo no balcão, observava Nagare sem dizer nada.

Nagare estava parado na frente do homem absorto em sua revista.

– Fusagi – disse baixinho.

Por um instante, o homem chamado Fusagi não reagiu, como se não tivesse percebido que tinham dito o seu nome. Em seguida, ele bem lentamente olhou para cima.

Nagare fez que sim educadamente.

– Olá.

– Ah, oi – devolveu Fusagi, inexpressivo, e na mesma hora voltou a prestar atenção na revista.

Por um instante, Nagare continuou parado, encarando-o.

– Kazu – ele chamou em direção à cozinha.

Kazu pôs a cabeça para fora da cozinha.

– O que foi?

– Ligue para Kohtake pra mim, por favor.

O pedido deixou Kazu confusa por alguns segundos.

– Ligue, ela está procurando... – disse Nagare enquanto se virava para Fusagi outra vez.

Kazu, enfim, entendeu o enigmático recado.

– Ah... tá bem – respondeu ela.

Após encher a xícara de Hirai, Kazu entrou no cômodo dos fundos para dar o telefonema.

Nagare olhou de esguelha para Fumiko, prostrada sobre a mesa, enquanto ia para trás do balcão e pegava um copo na prateleira. Tirou uma caixa de suco de laranja da geladeira debaixo do balcão, encheu o copo despreocupadamente e bebeu tudo.

Então, levou o copo até a cozinha para lavá-lo. Um instante depois, ouviu o som de unhas tamborilando sobre o balcão.

Ele pôs a cabeça para fora da cozinha a fim de ver o que estava acontecendo.

Hirai fez um discreto gesto para chamá-lo. Com as mãos pingando, aproximou-se silenciosamente. Ela se inclinou um pouco por cima do balcão.

– Como foi? – Hirai sussurrou para ele, que procurava o papel-toalha.

– Hum... – murmurou Nagare, ambigualmente.

Talvez fosse uma resposta à pergunta, ou talvez fosse apenas um grunhido frustrado enquanto procurava o fugidio papel-toalha. Hirai falou ainda mais baixo:

– E os resultados do exame?

Sem responder, Nagare apenas coçou rapidamente o topo do nariz.

– Foram ruins? – insistiu Hirai mais soturnamente, mas a expressão de Nagare não mudou.

– Depois que os resultados saíram, eles decidiram que ela não precisa ser hospitalizada – explicou ciciando bem baixinho, quase como se estivesse falando consigo mesmo.

Hirai suspirou levemente.

– Entendi... – disse ela, e olhou para o cômodo dos fundos, onde Kei estava.

Kei nascera com o coração fraco. Ao longo da vida, viveu pelos hospitais. No entanto, como tinha sido abençoada com um jeito afável e despreocupado, ela sempre conseguia sorrir, mesmo que sua condição tivesse piorado. Hirai conhecia muito bem essa característica dela. Por isso conferiu com Nagare.

Nagare finalmente encontrou o papel-toalha e estava enxugando as mãos.

– E você, Hirai? Como vão as coisas?

Hirai não sabia a que coisas Nagare estava se referindo. Ela arregalou os olhos.

– Como assim?

– Sua irmã tem vindo encontrá-la com mais frequência, não é?

– Ah... Parece que sim – respondeu Hirai enquanto dava uma olhada ao redor.

– Seus pais administram um hotel, não é?

– Isso, exatamente.

Nagare não sabia muitos detalhes, mas tinha escutado que, após Hirai sair da casa de sua família, a irmã tinha assumido a gerência do empreendimento.

– Deve ser difícil para a sua irmã tocar tudo sozinha.

– Que nada, ela tá se virando bem. Minha irmã tem uma cabeça boa para lidar com esse tipo de trabalho.

– Mesmo assim...

– Já passou tempo demais. Eu não posso mais voltar pra casa – retrucou Hirai.

Ela tirou um porta-moedas imenso da bolsa de oncinha. Era tão grande que mais parecia um minidicionário. Enquanto remexia dentro dele, as moedas tiniam.

– Por que não?

– Mesmo que eu voltasse para casa, eu não ajudaria em nada – explicou, inclinando a cabeça com um sorriso amarelo.

– Mas...  
– Enfim, obrigada pelo café. Preciso ir embora – disse ela, interrompendo Nagare.

Pôs o dinheiro do café no balcão, levantou-se e saiu como se estivesse fugindo da conversa.

## DING-DONG

Enquanto pegava as moedas que Hirai deixara, Nagare olhou para Fumiko encurvada sobre a mesa. Foi apenas uma olhadela, contudo. Ele não parecia muito interessado em saber quem era aquela mulher com o rosto no tampo. Pegou as moedas com suas manzorras e balançou-as de uma maneira brincalhona.

– Ei, mano. – O rosto de Kazu apareceu no batente ao passo que ela o chamava do cômodo dos fundos. Chamava Nagare de “mano” apesar de ele ser primo, não irmão.

– O quê.

– Ligação pra você.

Nagare deu uma olhada ao redor.

– Tá bem, estou indo.

Então, pôs as moedas casualmente na mão de Kazu.

– Kohtake avisou que está vindo agorinha – informou Kazu.

Nagare fez que sim ao ouvir a notícia.

– Cuide do salão, pode ser? – pediu ele, desaparecendo no cômodo dos fundos.

– Claro – disse ela.

Porém, as únicas pessoas no café eram a mulher lendo o romance, Fumiko, ainda encurvada sobre a mesa, e Fusagi, que fazia anotações com a revista aberta a sua frente. Após pôr as moedas na caixa registradora, Kazu recolheu a xícara deixada por Hirai. Um dos três antigos relógios de parede bateu cinco vezes, ressoando profundamente.

– Café, por favor.

Fusagi chamou Kazu atrás do balcão, erguendo sua xícara enquanto falava. Até agora não tinha recebido o refil que pedira.

– Ah... é mesmo! – exclamou Kazu ao perceber e foi correndo para a cozinha.

Retornou segurando uma jarra de vidro transparente, cheia de café.



– Ainda assim seria aceitável – murmurou Fumiko.

Enquanto servia o refil para Fusagi, Kazu avistou Fumiko pelo canto do olho, o que atraiu sua atenção.

Fumiko, enfim, se endireitou na cadeira.

– Ainda assim eu topo. Tudo bem se nada mudar. As coisas podem ficar como estão.

Fumiko se levantou e foi até Kazu, invadindo um pouco seu espaço. Após pôr a xícara de café com delicadeza na frente de Fusagi, Kazu franziu a testa e deu dois passos para trás.

– Tá... Tá bem – disse ela.

Fumiko se aproximou ainda mais.

– Então me transporte... para uma semana atrás!

Parecia que suas dúvidas tinham desaparecido. Não havia mais nenhum sinal de incerteza nas suas palavras. Na verdade, parecia haver apenas entusiasmo com a oportunidade de voltar para o passado. Suas narinas se alargaram de empolgação.

– Hum... mas...

Sentindo-se desconfortável com aquela atitude opressora de Fumiko, Kazu deu a volta nela e retornou para trás do balcão, como se procurasse um refúgio.

– Tem mais uma regra importante – avisou ela.

Ao ouvir essas palavras, as sobrancelhas de Fumiko ergueram-se consideravelmente.

– O quê? Mais regras?

– Vamos lá: você só pode encontrar no passado pessoas que já estiveram aqui neste café. O presente não pode mudar. Somente uma cadeira pode levá-la ao passado, e você não pode sair dela. E também há algo sobre o limite de tempo.

Enquanto Kazu listava cada regra, Fumiko contava nos dedos e se enraivecia cada vez mais, apenas por recapitular.

– E é a mais problemática.

Fumiko já estava extremamente irritada com as regras que sabia. Descobrir que havia uma adicional, *a mais problemática*, ameaçou partir seu coração ao meio. No entanto, ela mordeu o lábio e fez que sim para Kazu, como se para enfatizar sua determinação.

– Se é assim, tudo bem. Que seja. Vamos, pode me dizer – falou ela, cruzando os braços.

Kazu puxou o ar como se quisesse falar “Tá, já vou dizer”, e entrou na cozinha para guardar a jarra de vidro que estava segurando.

Quando ficou sozinha, Fumiko respirou fundo com o intuito de se recompor. Seu objetivo inicial tinha sido voltar ao passado para, de alguma maneira, impedir Goro de ir para os Estados Unidos.

A ideia de impedir a ida dele não soava muito bem, mas se confessasse, “Não quero que você vá”, talvez Goro desistisse de ir. Se as coisas corresse bem, quem sabe eles nunca terminassem o namoro. Fosse como fosse, a razão inicial para querer voltar ao passado tinha sido *para mudar o presente*.

Porém, se não era possível mudar o presente, também não era possível impedir a partida de Goro nem o fim do namoro. De qualquer modo, Fumiko ainda desejava intensamente voltar ao passado – o que ela mais queria era voltar e ver no que daria. Seu objetivo concentrava-se no ato de voltar. Seu coração decidira que queria vivenciar esse fantástico fenômeno.

Ela não sabia se viagem no tempo era algo bom ou ruim. *Deve ser algo bom, e como é que poderia ser algo ruim?*, refletiu consigo. Assim que expirou profundamente, Kazu voltou. O rosto de Fumiko ficou tenso como um réu aguardando a decisão do tribunal. Kazu estava parada atrás do balcão.

– A pessoa só pode viajar no tempo quando está numa certa cadeira do café – explicou ela de novo.

Fumiko reagiu de imediato.

– Qual? Onde eu preciso me sentar? – perguntou Fumiko e deu uma olhada no café com tanta rapidez que quase fez um som sibilante ao virar a cabeça de um lado para o outro.

Ignorando a reação, Kazu virou o rosto e encarou a mulher de vestido branco.

Fumiko acompanhou seu olhar fixo.

– Ali – apontou Kazu falando baixinho.

– Naquela onde está aquela mulher? – sussurrou Fumiko do outro lado do balcão enquanto mantinha os olhos colados na mulher de vestido.

– Isso – respondeu Kazu simplesmente.

Porém, antes mesmo de terminar de ouvir a curta resposta, Fumiko já estava se aproximando da mulher de vestido branco.

Era uma figura que dava a impressão de que a sorte tinha passado sem percebê-la. A pele branca, quase translúcida, contrastava bastante com os cabelos longos e pretos. Podia ser primavera, mas o clima ainda estava frio demais para se ficar com a pele exposta. Porém, as mangas do vestido eram curtas, e ela não parecia ter trazido um casaco. Fumiko estava com a sensação de que havia algo errado. Mas agora não era o momento de se preocupar com essas coisas.

Fumiko falou com a mulher:

– Hum, com licença, você se incomodaria muito se nós duas trocássemos de lugar? – perguntou ela, contendo a impaciência.

Achou que tinha falado com educação, sem grosseria, mas a mulher de vestido não reagiu. Era como se nem a tivesse escutado. Fumiko se sentiu um pouco incomodada com isso. Raras vezes a pessoa pode estar tão absorta num livro que não escuta as vozes e os sons ao redor. Fumiko presumiu que era esse o caso.

Ela tentou de novo.

– Oi? Está me ouvindo?

Nada.

– Está perdendo tempo.

A voz veio de trás de Fumiko inesperadamente. Era Kazu. Fumiko demorou um instante para entender o que ela queria dizer.

*Eu queria apenas que ela me desse o lugar dela. Por que é perda de tempo? É perda de tempo perguntar educadamente? Espera aí. Será que é outra regra? Eu preciso descobrir essa outra regra primeiro? Se for isso, acho que ela poderia me dizer algo mais útil do que “Está perdendo tempo”.*

Eram esses os pensamentos que passavam pela sua cabeça. Porém, terminou fazendo uma simples pergunta:

– Por quê? – Fumiko se dirigiu a Kazu com uma expressão de pura inocência infantil.

Kazu olhou-a bem nos olhos.

– Porque ela... é um fantasma – respondeu Kazu de modo assertivo.

Kazu parecia estar mesmo falando muito a sério, como se fosse totalmente verdade.

Mais uma vez, os pensamentos na mente de Fumiko aceleraram. *Fantasma? Um fantasma real, daqueles que gemem e gritam? Que aparecem debaixo de um salgueiro no verão? A moça falou tão naturalmente... de repente eu ouvi errado, não? Mas o que soaria parecido com “é um fantasma”?*

A cabeça de Fumiko estava tomada pelos seus muitos pensamentos confusos.

- Um fantasma?!
- Isso.
- Tá brincando.
- Não, é sério. Ela é um fantasma.

Fumiko ficou perplexa. Alegrou-se por não ter se perguntado muito se fantasmas realmente existiam. Mas não conseguia aceitar a possibilidade de a mulher de vestido ser um fantasma. Ela parecia real demais.

– Mas eu consigo...

– Enxergá-la – concluiu Kazu, como se soubesse o que Fumiko ia dizer.

Fumiko estava confusa.

– Mas...

Sem pensar, ela estendeu, vacilante, a mão na direção do ombro da mulher. Quando estava prestes a tocar o vestido dela, Kazu disse:

– Pode tocar.

Mais uma vez, Kazu já estava com a resposta na ponta da língua. Fumiko pôs a mão no ombro da mulher como se para confirmar que era possível tocá-la. Ela tinha certeza absoluta de que conseguia sentir o ombro da mulher e o tecido do vestido que cobria sua pele macia. Não conseguia acreditar que era um fantasma.

Ela afastou a mão delicadamente. Depois, encostou-a no ombro da mulher outra vez. Virou-se para Kazu como se quisesse dizer *É óbvio que eu conseguiria tocar nela, que loucura dizer que é um fantasma!*

Mas o rosto de Kazu continuou sereno e circunspecto.

- É um fantasma.
- Sério? Um fantasma?

Fumiko aproximou a cabeça e encarou o rosto da mulher, uma atitude bem grosseira.

- Sim – respondeu Kazu, dando certeza absoluta.
- Não é possível. Não posso acreditar.

Se Fumiko pudesse vê-la, mas não conseguisse tocar nela, até poderia ter aceitado. Mas não era esse o caso. Ela conseguia encostar na mulher. A mulher tinha pernas. Fumiko nunca tinha ouvido falar do título do livro que a mulher estava lendo. Era, contudo, um livro normal, daqueles que se compram em quase qualquer esquina. Assim, Fumiko criou sua própria teoria.

Na verdade, não era possível voltar ao passado. O café não fazia a pessoa viajar no tempo. Era apenas uma tática para atrair gente. Por isso as incontáveis regras irritantes, por exemplo. Eram apenas os primeiros obstáculos para fazer os clientes que queriam voltar para o passado desistirem. Se o cliente passasse por eles, o próximo obstáculo, para quem ainda assim quisesse voltar no tempo, era esse. Eles mencionavam um fantasma para que a pessoa se assustasse e desistisse da ideia. A mulher de vestido era um mero adorno. Ela estava fingindo ser um fantasma.

Fumiko estava começando a se sentir bem teimosa.

*Se é tudo mentira, que seja. Mas não vou ser enganada por essa mentira.*

Fumiko falou educadamente com a mulher de vestido.

– Escute, vai ser bem rapidinho. Por favor, não poderia deixar eu me sentar aí no seu lugar?

Mas era como se as palavras nem sequer tivessem chegado aos ouvidos da mulher.

Ela continuou lendo sem a menor reação.

Ser totalmente ignorada assim desanimou Fumiko.

Ela agarrou o braço da mulher.

– Pare! Você não deve fazer isso! – alertou Kazu com a voz alta.

– Ei! Pare de me ignorar! – Fumiko tentou tirar a mulher da cadeira à força.

Foi então que aconteceu... os olhos da mulher se arregalaram e, furiosa, encarou Fumiko.

Fumiko sentiu como se o peso de seu corpo tivesse se multiplicado. Parecia que dezenas de pesados cobertores haviam

caído em cima dela. A luz do café transformou-se na penumbra de uma vela. Um uivo bizarro começou a reverberar pelo local.

Ela estava paralisada. Incapaz de mover os músculos, então caiu de joelhos e depois ficou de quatro.

– Arrrh! O que está acontecendo? O que está aconte...?

Ela não fazia ideia do que estava se passando ali. Kazu, com um jeito convencido, do tipo “eu bem que te avisei”, simplesmente a interrompeu e disse:

– Ela amaldiçoou você.

Ao ouvir a palavra *amaldiçoou*, a princípio Fumiko não entendeu.

– Hã? – perguntou ela, grunhindo.

Sem conseguir aguentar a força invisível que parecia se intensificar, agora Fumiko estava deitada com o rosto colado no chão.

– O quê? O que é isso? O que está acontecendo?

– É uma maldição. Você fez o que fez, e ela amaldiçoou você – disse Kazu enquanto voltava para a cozinha, deixando Fumiko esparramada no chão.

Como estava deitada, Fumiko não viu Kazu se afastar, mas seu ouvido pressionado no assoalho escutou claramente o som dos passos ficando distante. O medo de Fumiko era tão intenso que ela ficou toda arrepiada, como se tivessem derramado água gelada no seu corpo inteiro.

– Só pode ser brincadeira, não é possível. Veja só como eu estou! E agora, o que eu faço?

Ninguém respondeu. Fumiko começou a tremer.

A mulher de vestido ainda estava encarando Fumiko com uma expressão aterrorizante. Parecia completamente diferente da mulher que lia seu livro com toda a calma há apenas alguns minutos.

– Me ajude! Por favor, alguém me ajude! – gritou Fumiko para a cozinha.

Kazu voltou lentamente. Fumiko não viu, mas Kazu vinha segurando uma jarra de vidro com café. Fumiko ouviu os passos se aproximando, mas não fazia ideia do que estava acontecendo – primeiro as regras, depois o fantasma, e agora... a maldição. Era tudo extremamente desnorteante.

Kazu nem demonstrara se ia ajudá-la ou não. Fumiko estava prestes a gritar “Socorro!” a plenos pulmões.

Mas bem naquele instante...

– Gostaria de mais um pouco de café? – perguntou Kazu tranquilamente, e Fumiko ouviu.

Fumiko estava irada. Além de ignorá-la em seu momento de total aflição, Kazu não apenas *não* estava ajudando – ela oferecia mais café para a mulher de vestido. Fumiko estava pasma. *Me disseram que ela era um fantasma, e eu errei ao não acreditar. Eu também errei ao agarrar o braço da mulher e tentar puxá-la à força para fora da cadeira. Mas mesmo quando eu gritei “me ajude!” a moça só fez me ignorar, e agora está perguntando na maior tranquilidade para a mulher se ela quer mais café?! Por que um fantasma ia querer tomar mais café?*

– Você só pode estar de brincadeira, né! – disse Fumiko, sem conseguir falar mais nada.

E, sem um pingão de hesitação:

– Sim, por favor – respondeu uma voz estranhamente etérea.

Tinha sido a mulher de vestido que falara. De repente, Fumiko sentiu seu corpo ficar mais leve.

– Aaah...

A maldição tinha acabado. Fumiko, livre e ofegante, ajoelhou-se e fulminou Kazu com o olhar.

Kazu retribuiu o olhar, como se estivesse perguntando *Tem algo a me dizer?*, e deu de ombros com indiferença. A mulher de vestido tomou um gole do café recém-servido e depois voltou a prestar atenção no livro, em silêncio.

Como se nada fora do normal tivesse acontecido, Kazu voltou à cozinha para devolver a jarra. Fumiko estendeu a mão outra vez para tocar o ombro da apavorante mulher. Seus dedos ainda conseguiam senti-la. *A mulher está aqui. Ela existe.*

Incapaz de compreender acontecimentos tão inquietantes, Fumiko estava completamente confusa. Tinha vivenciado tudo aquilo – não duvidava disso. Seu corpo tinha sido empurrado para o chão por uma força invisível. Embora sua mente não entendesse nada, o coração já analisara a situação o bastante para bombear um oceano de sangue pelo corpo.

Fumiko se levantou e andou até o balcão, sentindo-se tonta. Ao chegar lá, Kazu já tinha voltado da cozinha.

– Ela é mesmo um fantasma? – perguntou Fumiko a Kazu.

– É, sim.

Foi a única resposta de Kazu. Ela começara a encher o pote de açúcar.

*Então algo totalmente impossível acabou de acontecer aqui... Fumiko mais uma vez começou a refletir. Se o fantasma... e a maldição... se essas coisas realmente aconteceram, então o que o pessoal diz sobre voltar no tempo também deve ser verdade!*

Ter vivenciado a maldição convenceu Fumiko de que *era possível voltar no tempo*. Mas havia um problema.

Era a regra de que, para viajar no tempo, a pessoa tinha de se sentar numa cadeira específica. *No entanto, tem um fantasma sentado na tal cadeira. Que não capta nada do que eu digo. E quando eu tentei me sentar lá à força, me amaldiçoou. O que devo fazer então?*

– Você tem que esperar, só isso – explicou Kazu, como se pudesse ouvir os pensamentos de Fumiko.

– Como assim?

– Todo dia, ela vai ao banheiro uma única vez.

– E fantasma precisa ir ao banheiro?

– Enquanto ela estiver lá, você pode se sentar.

Fumiko olhou bem nos olhos de Kazu e, sutilmente, fez que sim. Parecia ser a única solução. Quanto à pergunta de Fumiko sobre fantasmas usarem o banheiro, Kazu não sabia se era curiosidade genuína ou uma piada, então decidiu ignorá-la com uma expressão impassível.

Fumiko respirou fundo. Um instante atrás, estava desesperada para se salvar. Agora tinha uma nova oportunidade e não abriria mão dela. Certa vez, Fumiko ouviu a velha lenda do milionário da palha de arroz, que fez o máximo com o pouco que tinha. Se ela queria ser como ele, teria de agir da mesma maneira.

– Tá... eu espero. Eu espero!

– Tudo bem, mas você precisa saber que ela não distingue dia de noite.

– Tá. Tudo bem, eu espero – disse Fumiko, disposta a fazer o que fosse preciso. – A que horas vocês fecham?

– O horário normal vai até as 20h. Mas se decidir esperar, você pode ficar o quanto quiser.

– Obrigada!

Fumiko sentou-se à mesa do meio. A cadeira estava virada para a mulher de vestido. Cruzou os braços e respirou fundo pelo nariz.

– Vou pegar o seu lugar! – anunciou ela, olhando zangada para a mulher de vestido, que, como sempre, estava lendo seu livro, absorta.

Kazu soltou um leve suspiro.

## DING-DONG

– Olá. Seja bem-vindo! – desejou Kazu com o cumprimento padrão. – Kohtake!

Havia uma mulher parada na porta entreaberta. Parecia ter pouco mais de 40 anos.

Kohtake estava usando um cardigã azul-marinho por cima do uniforme de enfermeira e carregava uma bolsa de ombro lisa. Estava um pouco ofegante, como se tivesse corrido, e pôs a mão no peito como se quisesse acalmar a respiração.

– Obrigada por ter me ligado – agradeceu com rapidez.

Kazu fez que sim sorrindo e entrou na cozinha. Kohtake deu dois ou três passos na direção da mesa mais próxima da entrada e parou ao lado do homem chamado Fusagi. Ele não pareceu percebê-la.

– Fusagi – disse Kohtake com um tom gentil, normalmente usado com crianças.

A princípio, Fusagi não reagiu, como se nem tivesse percebido que tinha sido chamado. Porém, ao notá-la pela sua visão periférica, virou-se para ela com o olhar desfocado.

– Kohtake – murmurou ele.

– Sim. Sou eu – disse Kohtake articulando bem as palavras.

– O que está fazendo aqui?

– Eu tinha um tempinho livre e pensei em tomar um café.

– Ah... entendi – disse Fusagi.

Mais uma vez, ele voltou para sua revista. Kohtake, ainda olhando, sentou-se casualmente na cadeira do outro lado da mesa. Ele não reagiu a isso e apenas virou a página da revista.

– Eu ouvi falar que você tem vindo muito aqui – disse Kohtake enquanto analisava todos os recantos do café, como um cliente que o visitasse pela primeira vez.

– Pois é – disse Fusagi simplesmente.

– Então você gosta de vir aqui?

– Ah... não tanto – respondeu ele de uma maneira que revelava claramente que gostava sim do lugar, e um discreto sorriso se formou em seus lábios. – Estou esperando – sussurrou.

– Está esperando o quê?

Ele se virou e olhou para a cadeira em que a mulher de vestido estava sentada.

– Ela sair da cadeira – respondeu, com o semblante transparente, sem querer, um ânimo infantil.

Fumiko não estava exatamente ouvindo a conversa, mas o café era pequeno.

– Como é que é?! – exclamou Fumiko, surpresa ao descobrir que Fusagi também estava esperando a mulher de vestido ir ao banheiro para poder voltar ao passado.

Ao ouvir a voz de Fumiko, Kohtake virou-se em sua direção, mas Fusagi, ao contrário, nem prestou atenção.

– Está mesmo? – perguntou Kohtake.

– Estou – respondeu Fusagi e não disse mais nada enquanto tomava um gole de café.

Fumiko estava abalada. *Por favor, que ele não seja meu concorrente.*

Afinal... ela percebeu na mesma hora que estaria em desvantagem caso os dois tivessem o mesmo objetivo. Quando ela chegou ao café, Fusagi já estava lá. Como ele chegara primeiro, seria dele a próxima vez. Por uma questão de educação, ela não furaria a fila. A mulher de vestido ia ao banheiro apenas uma vez ao dia. Assim, eles só tinham uma chance por dia de se sentar lá.

Fumiko estava decidida a viajar no tempo imediatamente. Não suportava a ideia de que talvez precisasse esperar mais um dia e não conseguiu disfarçar a inquietação causada pela novidade. Ela então se inclinou para o lado e virou o ouvido para se assegurar de que Fusagi realmente queria voltar ao passado.

– Você conseguiu se sentar lá hoje? – perguntou Kohtake.

– Hoje, não.

– Ué, não conseguiu?

– Pois é, não.

A conversa deles não estava amenizando os piores temores de Fumiko. Ela franziu a testa.

– Fusagi, o que vai querer fazer quando voltar no tempo?

Não restava dúvida – Fusagi estava esperando a mulher de vestido ir ao banheiro. A revelação foi um duro golpe para Fumiko. A decepção espalhou-se pelo seu rosto, e ela se prostrou sobre a mesa outra vez. A conversa devastadora prosseguiu.

– Tem algo que você queira corrigir?

– Ah... – Fusagi pensou por um instante. – É um segredo meu – explicou, com um sorriso pueril de satisfação.

– Um segredo seu?

– Isso.

Apesar de Fusagi ter dito que era segredo, Kohtake sorriu como se algo lhe tivesse agradado. Em seguida, ela olhou para a mulher de vestido.

– Mas hoje não está parecendo que ela vai ao banheiro, não é mesmo?

Fumiko não esperava ouvir isso e reagiu automaticamente, levantando a cabeça da mesa. De tão rápido, seu movimento foi quase audível. *É possível que a mulher nem vá ao banheiro? Kazu disse que ela vai uma vez ao dia. Mas, como aquela mulher disse, de repente ela já foi hoje... não, não pode ser. Espero que não seja isso.*

Torcendo para que não fosse isso, Fumiko esperou com receio o que Fusagi diria em seguida.

– Talvez você tenha razão – disse ele, cedendo rapidamente.

*Não pode ser!* A boca de Fumiko se abriu como se fosse soltar um berro, mas ela estava atônita. *Por que a mulher de vestido não vai ao banheiro? O que a tal de Kohtake sabe?* Ela estava desesperada para obter respostas.

Porém, sentiu que não deveria interromper a conversa. Sempre acreditara que analisar a situação era importante, e, no momento, toda a linguagem corporal de Kohtake dizia “não se meta!”. Fumiko só não sabia muito bem no que é que ela não deveria se meter. Mas havia mesmo alguma coisa acontecendo ali – e espectadores não eram bem-vindos.

– Então... por que não vamos embora? – disse Kohtake com uma voz suave e persuasiva. – Hein?

Sua grande chance estava de volta. Deixando de lado a questão de a mulher já ter ido ao banheiro ou não, se Fusagi fosse embora, ao menos ela se livraria do concorrente.

Quando Kohtake sugeriu que a mulher de vestido provavelmente não fosse se mexer hoje, Fusagi apenas concordou, *Talvez você tenha razão*. Ele disse *talvez*. Era igualmente plausível que ele pudesse ter dito, *Vou esperar de qualquer jeito*. No caso de Fumiko, ela certamente esperaria. Então, concentrou todos os seus esforços mentais enquanto esperava a resposta dele, tentando não parecer ansiosa demais. Era como se o seu corpo fosse todo ouvidos.

Fusagi olhou para a mulher de vestido e ficou estático, pensativo.

– Tudo bem, pode ser – respondeu ele.

Como a resposta foi muito clara e simples, o coração de Fumiko nem chegou a parar. Seu entusiasmo foi para as alturas, e ela sentiu o coração acelerar.

– Combinado. Vamos embora assim que você terminar o café – disse Kohtake, olhando para a xícara pela metade.

Agora, parecia que Fusagi só queria saber de sair dali.

– Não, não precisa. Já esfriou mesmo – disse ele enquanto guardava desajeitadamente a revista, o caderno e o lápis, e se levantava da cadeira.

Ao mesmo tempo que vestia uma jaqueta de mangas felpudas – muito usada por trabalhadores da construção civil –, ele foi até o caixa. Em perfeita sincronia, Kazu voltou da cozinha. Fusagi entregou-lhe a conta do café.

– Quanto deu? – perguntou ele.

Kazu apertou o valor nas volumosas teclas da antiga caixa registradora. Enquanto isso, Fusagi conferia sua segunda bolsa, o bolso da camisa, o bolso de trás e todos os outros lugares em que conseguia pensar...

– Que estranho. Minha carteira... – murmurou ele.

Parecia que tinha ido ao café sem a carteira. Mesmo após procurar várias vezes nos mesmos lugares, não a encontrou. Fusagi aparentava estar chateado e até mesmo prestes a chorar.

Então, Kohtake mostrou inesperadamente uma carteira e a estendeu para ele.

– Aqui está.

Era uma carteira masculina de couro, bem desgastada e dobrada ao meio, cheia do que parecia ser uma pilha de notas fiscais. Fusagi parou por um instante e encarou a carteira a sua frente. Parecia genuinamente atordoado. Por fim, pegou a carteira sem dizer nada.

– Quanto deu? – perguntou ele novamente, remexendo no porta-moedas como se fosse um hábito familiar.

Kohtake, em silêncio, ficou parada atrás de Fusagi, observando-o pagar.

– Trezentos e oitenta ienes – informou Kazu.

Fusagi tirou uma moeda e a entregou a Kazu.

– Está bem, aqui tem 500...

Kazu pegou o dinheiro e o pôs dentro da caixa registradora.

*Tlim-tlim...*

Ela tirou o troco da gaveta.

– Aqui está seu troco, 120 ienes.

Kazu, com tudo cuidado, botou o troco e a nota fiscal na mão de Fusagi.

– Obrigado pelo café – agradeceu ele, inserindo metodicamente o troco na carteira.

Então, guardou a carteira na bolsa, parecendo ter esquecido que Kohtake estava ali, e se dirigiu para a porta com rapidez.

## DING-DONG

Kohtake não pareceu ter ficado nem um pouco incomodada com o comportamento dele.

– Obrigada – disse simplesmente, e foi atrás dele.

## DING-DONG

– Que estranhos aqueles dois – murmurou Fumiko.

Kazu limpou a mesa em que Fusagi estava sentado e voltou para a cozinha.

O aparecimento repentino de um rival chateara Fumiko, mas agora restavam apenas ela e a mulher de vestido, então estava certa de que a vitória seria sua.

*Tã, a concorrência desapareceu. Agora só preciso esperar que ela saia da cadeira,* pensou. Mas o café não tinha janelas, e os três relógios de parede indicavam horas distintas. Sem clientes chegando e partindo, ela estava perdendo a noção do tempo.

Enquanto já começava a sentir sono, listou mentalmente as regras para voltar ao passado.

A primeira regra: *no passado, você só pode encontrar pessoas que já estiveram no café.* A conversa de despedida de Fumiko com Goro, por acaso, tinha ocorrido no café.

A segunda regra: *por mais que alguém tentasse no passado, era impossível mudar o presente.* Em outras palavras, mesmo que Fumiko voltasse para aquele dia há uma semana e implorasse a Goro para não partir, isso não alteraria o fato de que tinha ido para os Estados Unidos. Fumiko não entendia por que tinha que ser assim e sentia que estava ficando chateada de novo por pensar no assunto. Porém, resignada, ela aceitou a situação, pois era a regra.

A terceira regra: *para voltar ao passado, você precisa se sentar numa cadeira específica e somente nela.* Era a cadeira ocupada pela mulher de vestido. Se a pessoa tentava se sentar nela à força, era amaldiçoada.

A quarta regra: *no passado, você precisa ficar sentada no mesmo lugar e não sair dele em nenhum momento.* Em outras palavras, por algum motivo, a pessoa não podia nem ir ao banheiro enquanto estivesse no passado.

A quinta regra: *há um limite de tempo*. Parando para pensar, Fumiko notou que ninguém lhe contara ainda os detalhes dessa. Ela não fazia ideia se era muito ou pouco tempo. Fumiko refletiu bastante sobre as regras, passando a limpo cada uma delas. Sua mente vinha e voltava – seria um tanto inútil ter a conversa, para logo mudar de ideia e estar certa de que poderia assumir o controle da conversa e dizer tudo o que queria, afinal, isso não poderia causar mal algum visto que nada mudaria o presente. Reanalisou repetidas vezes cada uma das regras, até que, prostrada sobre a mesa, acabou pegando no sono.



A primeira vez que Fumiko descobriu qual era o sonho de Goro foi quando ela o arrastou para o terceiro encontro dos dois. Goro era louco por games. Ele amava os MMORPG (*massively multiplayer online role-playing games*); jogava no PC. Seu tio tinha sido um dos programadores de um MMORPG chamado *Arm of Magic* – um jogo popular no mundo inteiro. Desde criança, Goro admirava o tio. O sonho de Goro era trabalhar na empresa de games que o tio dirigia: a TIP-G. Para concorrer a uma vaga na TIP-G era obrigatório ter duas coisas: (1) ao menos cinco anos de experiência como engenheiro de sistemas na indústria médica, e (2) um novo jogo, ainda não lançado, que você mesmo tivesse desenvolvido. Vidas humanas dependem da segurança da indústria médica, e bugs não são tolerados. Na indústria de jogos online, por outro lado, as pessoas toleram os bugs, pois é possível fazer updates mesmo após o lançamento.

A TIP-G era diferente. Ela só recrutava candidatos com experiência na indústria médica para garantir que apenas os

melhores programadores seriam contratados. Quando Goro contou isso a Fumiko, ela achou que era um sonho maravilhoso. Ela não sabia, contudo, que a sede da TIP-G ficava nos Estados Unidos.

Na sétima saída do casal, Fumiko estava esperando Goro chegar ao ponto de encontro combinado quando dois homens começaram a puxar papo, tentando paquerá-la. Ambos eram bonitos, mas Fumiko não estava interessada. Os homens sempre tentavam dar em cima dela, então ela criara uma técnica para lidar com isso. Antes mesmo de poder colocá-la em prática, Goro chegou e ficou parado, parecendo constrangido. Fumiko foi correndo até ele, mas os dois homens não se deram por vencidos – sorriram com desdém para Goro e questionaram por que ela estava com *aquela nerd*. Fumiko não teve escolha e precisou iniciar seu discurso.

Goro baixou a cabeça e preferiu não dizer nada. Mas ela se virou para os dois e disse: “Vocês não sabem o quanto ele é charmoso” (em inglês), “Ele tem a coragem de assumir as tarefas difíceis no trabalho” (em russo), “Ele tem disciplina mental e não desiste” (em francês), “Ele é capaz de transformar o impossível em possível (em grego), “Também sei que ele fez um esforço extraordinário para conquistar essa habilidade” (em italiano), e “Ele é mais charmoso do que qualquer outro homem que eu já conheci” (em espanhol). Então, em japonês, acrescentou: “Se entendessem o que acabei de dizer, eu não me incomodaria de passar mais um tempinho com vocês dois”.

Visivelmente perplexos, ambos, de início, ficaram parados. Depois, eles se entreolharam e foram embora, claramente constrangidos.

Fumiko abriu um grande sorriso para Goro.

– Imagino que você tenha entendido tudo que eu falei – disse ela, agora em português.

Demonstrando seu acanhamento, Goro, discretamente, fez que sim.

Quando saíram pela décima vez, Goro confessou que nunca tinha namorado antes.

– Ah, então eu sou a primeira mulher com quem você está se relacionando – disse ela, feliz da vida com a confissão.

Foi a primeira vez que Fumiko confirmou que os dois estavam namorando, e Goro arregalou os olhos ao ouvir a “novidade”.

Pode-se dizer que aquela noite marcou o início do romance entre os dois.

Fumiko estava adormecida havia algum tempo. De repente, a mulher de vestido fechou o livro ruidosamente e suspirou. Após tirar um lenço branco da bolsa, ela se levantou devagar e começou a caminhar em direção ao banheiro.

Como ainda dormia, Fumiko não percebeu que a mulher tinha saído da cadeira. Kazu apareceu do cômodo dos fundos. Ela ainda estava de uniforme: camisa branca, gravata-borboleta preta, colete, calça preta e avental. Enquanto limpava a mesa, chamou Fumiko.

– Senhorita. Senhorita.

– O quê? Sim?

Surpresa, Fumiko se endireitou com rapidez. Piscou os olhos e conferiu o recinto antes de finalmente perceber a mudança.

A mulher de vestido não estava mais lá.

– Ah!

– A cadeira agora está vazia. Ainda vai querer se sentar?

– Mas é claro! – exclamou Fumiko.

Levantou-se depressa e foi até a cadeira que supostamente a transportaria para o passado. Parecia uma cadeira comum, nada fora do normal. Enquanto a encarava com um desejo intenso, o coração acelerou. Finalmente, após superar todas

as regras e a maldição, lá estava ela com sua passagem para o passado.

– Está bem. Agora eu quero viajar no tempo.

Fumiko respirou fundo, acalmou o coração disparado e, com cuidado, espremeu-se entre a cadeira e a mesa. Ratificou a ideia de voltar para uma semana atrás bem no instante em que suas nádegas encostaram no assento, então seu nervosismo e seu entusiasmo estavam no auge. Sentou-se com tanta força que quase quicou de volta.

– Está decidido. Quero voltar uma semana! – exclamou.

O coração ficou inchado, repleto de expectativa. Deu uma olhada no lugar. Como não havia janelas, não tinha como saber se era dia ou noite. Os ponteiros dos três velhos relógios de parede apontavam em diferentes direções e não lhe indicavam a hora real. Porém, alguma coisa precisava ter mudado. Ela deu outra olhada pelo café, desesperada, procurando algum sinal de que tinha voltado no tempo. Mas não conseguia avistar uma diferença sequer. Se tivesse voltado uma semana no tempo, Goro estaria ali – mas ele não estava em lugar algum...

– Ainda não voltei, né? – murmurou ela.

*Não me diga que foi tolice crer nessa loucura de viajar no tempo.*

Assim que ela começou a demonstrar sinais de que ia surtar, Kazu apareceu do seu lado com uma bandeja prateada, sobre a qual havia um bule prateado e uma xícara branca.

– Ainda não voltei – constatou bruscamente Fumiko.

Kazu estava inexpressiva como sempre.

– Tem mais uma regra – anunciou, impassível.

Droga! Tinha mais uma. Não era simplesmente se sentar na cadeira.

Fumiko estava começando a se cansar disso.

– Mais regras?! – questionou ela, sentindo-se também aliviada, pois isso significava que ainda seria possível voltar no tempo.

Kazu continuou a explicação sem mostrar o mínimo interesse pelos sentimentos de Fumiko.

– Daqui a um instante, vou servir uma xícara de café para você – disse ela enquanto punha a xícara na frente de Fumiko.

– Café? Por que café?

– Seu tempo no passado começará a partir do momento em que o café for servido... – explicou Kazu, ignorando a pergunta de Fumiko, que se tranquilizara por saber que, muito em breve, faria a tão sonhada viagem no tempo. – E você precisa voltar antes que o café esfrie.

A convicção de Fumiko desapareceu num piscar de olhos.

– Hã? Tão rápido assim?

– E a última regra, a mais importante...

*Essa conversa não acaba nunca.* Fumiko estava louca para começar logo.

– Tantas regras... – murmurou ela enquanto segurava a xícara a sua frente.

O recipiente não tinha nada fora do comum; era apenas uma xícara em que o café ainda não tinha sido servido. Mas ela teve a impressão de que parecia perceptivelmente mais fria do que uma porcelana normal.

– Está me ouvindo? – prosseguiu Kazu. – Quando voltar ao passado, vai precisar tomar a xícara inteira antes que o café esfrie.

– Hum, mas eu não gosto muito de café.

Kazu arregalou os olhos e parou o rosto a uns dois centímetros da ponta do nariz de Fumiko.

– Essa é a única regra que você terá que seguir de qualquer jeito – sentenciou ela a meia-voz.

– Sêrio?

– Se não fizer isso, algo terrível vai acontecer com você.

– O... o quê?

Fumiko ficou inquieta. Não estava esperando nada assim. Viajar no tempo significava violar as leis da natureza – e obviamente isso tinha seus riscos. Mas ela não conseguia acreditar que Kazu só estava avisando isso agora. Uma cratera tinha se aberto no trajeto final para a linha de chegada. Não que fosse amarelar – não depois de ter chegado tão longe. Ela olhou nos olhos de Kazu com apreensão.

- O quê? O que vai acontecer?
- Se não tomar o café todo antes que ele esfrie...
- Se eu não tomar o café...
- Será a sua vez de ser o fantasma sentado nessa cadeira.

Um raio irrompeu dentro da cabeça de Fumiko.

- É sério?
- A mulher que estava sentada aqui agorinha...
- Descumpriu essa regra?
- Isso. Voltou para encontrar o marido falecido. Deve ter perdido a noção do tempo. Quando finalmente percebeu, o café já havia esfriado.

- E ela se tornou um fantasma?
- Sim.

*É bem mais arriscado do que eu imaginava, pensou Fumiko.* Havia muitas regras irritantes. Ter conhecido um fantasma e ter sido amaldiçoada já era algo extraordinário. Mas agora os riscos eram ainda maiores.

*Está bem, eu posso ir para o passado. Mas preciso voltar para cá antes que o café esfrie. Não faço a mínima ideia de quanto tempo um café quente leva para esfriar – mas não é algo que demora muito. É pelo menos o tempo que eu vou levar para tomá-lo, mesmo que o gosto seja horrível. Então não preciso me preocupar com isso. Mas digamos que eu não o tome e que eu vire um fantasma – isso é muito preocupante. Agora vamos presumir que eu não mude o presente com essa ida ao passado, por mais que eu tente. Isso não tem risco algum... provavelmente não vai causar nenhum benefício, mas também não vai causar nenhum prejuízo.*

*Já eu virar um fantasma, por outro lado, com certeza é um baita prejuízo.*

Sentia-se hesitar, dominada por inúmeras preocupações – a mais imediata: será que o café que Kazu serviria era horrível? Ela esperava que tivesse um gosto com o qual pudesse lidar. *Mas e se for muito apimentado? E se for um café sabor wasabi? Como é que eu tomaria uma xícara inteira de algo assim?*

Ao perceber a paranoia, balançou a cabeça para tentar se livrar da onda de ansiedade que a avassalava.

– Tudo bem. Eu só preciso tomar o café antes que ele esfrie, né?

– Exato.

Fumiko tinha se decidido. Ou, mais precisamente, uma determinação obstinada havia se enraizado dentro dela.

Kazu estava parada, impassível. Fumiko conseguia imaginar que, caso lhe tivesse dito *Desculpe, não vai dar para eu fazer isso*, sua reação teria sido a mesma. Fechou os olhos rapidamente e inspirou fundo pelas narinas, como para se manter focada em sua decisão.

– Estou pronta – anunciou ela e encarou Kazu. – Pode servir o café, por favor.

Enquanto fazia sutilmente que sim, Kazu retirou o bule prateado da bandeja com a mão direita. Encarou Fumiko com recato.

– Basta se lembrar de tomar o café antes que ele esfrie – sussurrou ela.

Kazu começou a servir o café. Tinha um jeito despreocupado, mas seus movimentos fluidos e graciosos faziam Fumiko sentir que estava observando uma antiga cerimônia.

Assim que percebeu a fumacinha reluzente subindo do café que enchia a xícara, tudo ao redor da mesa começou a espiralar e se tornar indistinto do vapor rodopiante. Fumiko começou a sentir medo e fechou os olhos. A sensação de que ela própria estava reluzindo e ficando distorcida, assim como

o vapor que subia, tornou-se ainda mais forte. Ela cerrou os punhos com mais firmeza. *Se isso continuar, eu não vou parar nem no passado, nem no presente; vou simplesmente desaparecer no meio da fumaça.* Enquanto tal ansiedade a engolia, pensou no momento em que conheceu Goro.



Fumiko conhecera Goro dois anos antes, na primavera. Tinha 26 anos, era três anos mais velha do que ele. Trabalhavam na mesma empresa, no mesmo local, porém para clientes diferentes. Fumiko era a diretora de projetos e se encarregava de todos os funcionários visitantes.

Nunca deixava de fazer comentários críticos, mesmo que direcionados a um superior. Chegava até a discutir com colegas mais velhos. Mas ninguém a criticava. Sempre era sincera e direta, e sua disposição para não poupar esforços no trabalho era superadmirada. Embora Goro fosse três anos mais novo do que Fumiko, dava a impressão de já estar na casa dos trinta. Para falar com franqueza, ele parecia muito mais velho do que era. No início, Fumiko se sentia como uma aprendiz em relação a Goro, e se dirigia a ele com a reverência apropriada. Além disso, apesar de ser o mais novo da equipe, Goro era o mais competente. Era um engenheiro extremamente habilidoso e compenetrado, que fazia seu trabalho em silêncio, e Fumiko logo percebeu que podia contar com ele.

O projeto que Fumiko estava liderando tinha quase chegado ao fim. No entanto, um pouco antes da data de entrega, um bug sério foi descoberto. Havia um erro ou falha no programa, e quando se trata da programação de sistemas médicos, até erros aparentemente triviais são sérios. Era impossível entregar o sistema naquele estado. Porém, encontrar a causa de um bug é como destilar e remover uma gota de tinta que

caiu numa piscina olímpica. Não apenas a tarefa era enorme e intimidante, mas, para piorar, eles também não tinham tempo suficiente para realizá-la.

Como Fumiko era a diretora de projetos, a responsabilidade de satisfazer as condições para a entrega encontrava-se nas mãos dela. O deadline era dali a uma semana. Como o consenso geral dizia que seria necessário pelo menos um mês para corrigir o bug, todos se resignaram a perder o prazo. Fumiko achou que teria de se demitir. Em meio ao caos, Goro desapareceu do local de trabalho sem dizer nada, e ninguém conseguia contatá-lo. Um comentário malicioso puxou outro, e logo todos passaram a suspeitar que o bug era culpa dele. As pessoas supuseram que ele estava com tanta vergonha que não conseguia encarar os colegas.

Obviamente, não havia nada de concreto que sugerisse que o erro tinha sido dele. Mas como haveria uma grande perda relacionada ao projeto, era conveniente que alguém levasse a culpa. E como ele não estava presente, tornou-se o bode expiatório, e naturalmente Fumiko também suspeitou dele. Porém, após quatro dias sem nenhum contato, ele apareceu de repente e informou que encontrara o bug.

Goro não tinha feito a barba nem estava com um cheiro lá muito agradável, mas ninguém sequer pensou em criticá-lo por isso. Pelo seu rosto exausto, via-se que provavelmente nem tinha dormido. Enquanto todos os outros membros da equipe, inclusive Fumiko, haviam decidido que seria difícil demais e simplesmente desistido, Goro conseguira solucionar o problema. Era nada menos do que um milagre. Ao sair sem permissão e sem avisar ninguém, ele violara as regras básicas a que todos os funcionários da empresa estavam sujeitos. Porém, demonstrara que estava mais comprometido com o trabalho do que os demais e se saíra maravilhosamente bem como programador em uma questão que ninguém tinha sido capaz de resolver.

Após Fumiko expressar sua sincera gratidão e se desculpar por pensar, mesmo que por um instante, que o erro tinha sido dele, Goro simplesmente sorriu enquanto ela abaixava a cabeça.

– Tudo bem, então talvez você possa me convidar para um café, não? – sugeriu ele.

Foi o momento em que Fumiko se apaixonou.

Depois da entrega bem-sucedida do sistema, eles foram transferidos para novos clientes, e ela quase não o encontrava mais. Contudo, Fumiko era uma mulher que gostava de assumir as rédeas. Sempre que tinha tempo, ela o levava para locais diferentes, sob o pretexto de convidá-lo para um café.

Goro tinha uma abordagem obsessiva em relação ao trabalho. Quando ele começava a trabalhar por um objetivo, não enxergava mais nada. Fumiko descobriu que a sede da TIP-G se localizava nos Estados Unidos quando conheceu a casa dele. Ele falava com tanto entusiasmo sobre trabalhar para a TIP-G que ela se preocupou. *Quando surgir a oportunidade, o que ele vai escolher: o sonho ou eu? Não devo pensar assim, nem tem comparação. Mas caramba...*

Então, pouco a pouco, ela percebeu com mais clareza o quanto perdê-lo seria devastador. Fumiko não conseguia mais avaliar o que Goro sentia por ela. O tempo passou, e, na primavera anterior, ele finalmente recebeu um convite para trabalhar na TIP-G. O sonho dele tornara-se realidade. A ansiedade de Fumiko era justificável. Goro escolheria ir para os Estados Unidos. Escolheria seu sonho. E ela descobrira isso uma semana antes, ali no café. Agora, ela abriu os olhos, sentindo-se desorientada, como se estivesse acordando de um sonho.

A sensação de que era um espírito, reluzindo e rodopiando como o vapor, passou, e ela começou a ter consciência dos seus membros outra vez. Em pânico, tocou no próprio corpo

e no próprio rosto para garantir que tinha aparecido como ela mesma. Ao recobrar os sentidos, viu um homem a sua frente, observando seu estranho comportamento, perplexo.

Era Goro, a não ser que ela estivesse enganada. Goro, que deveria estar nos Estados Unidos, estava bem ali na sua frente. Fumiko realmente voltara para o passado. Entendia a confusão no rosto dele. Não havia dúvida de que ela voltara para uma semana atrás. O interior do café encontrava-se exatamente como ela lembrava.

O homem chamado Fusagi continuava com a revista aberta sobre a mesa mais próxima da porta. Hirai estava sentada ao balcão, e Kazu também se fazia presente. E na sua frente Goro, na mesma mesa onde os dois tinham se acomodado. Só havia uma coisa errada – o lugar em que Fumiko estava sentada.

Uma semana atrás, ela havia se sentado na frente de Goro. Agora, contudo, estava na cadeira da mulher de vestido. Ainda de frente para Goro, mas em outra mesa. *Ele está tão distante.* Seu olhar confuso era totalmente compreensível.

Porém, quer aquilo fosse natural ou não, ela não podia sair daquele lugar. Era uma das regras. *Mas e se ele perguntar por que estou sentada aqui? O que devo dizer?* Fumiko engoliu em seco ao pensar nisso.

– Nossa, já está tão tarde assim? Sinto muito, mas preciso ir embora – murmurou ele.

Goro dava a impressão de estar perplexo, contudo, apesar de se encontrarem estranhamente afastados um do outro, ele disse as mesmas palavras que ela escutara uma semana antes. *Deve ser uma regra implícita sobre a viagem no tempo,* refletiu.

– Ah, tudo bem. Não tem problema. Você tem pouco tempo, né? Eu também não tenho muito.

– Como assim?

– Desculpe.

Eles não estavam se entendendo, e a conversa não ia chegar a lugar algum. Apesar de conhecer o momento para o qual

tinha voltado, Fumiko, assim como Goro, ainda estava bem confusa – afinal, era a primeira vez que ela voltava ao passado.

Para se recompor, Fumiko deu um gole no café enquanto erguia o olhar para observar a expressão de Goro.

*Ah, que droga! O café já está morno! Vai esfriar num instante!*

Ficou desanimada. Naquela temperatura, já podia tomá-lo de um gole só. Era um contratempo inesperado. Franziu a testa para Kazu; odiava sua expressão impassível que não dava trégua. Mas isso não era tudo...

– Argh... que coisa amarga.

O gosto era ainda mais amargo do que ela esperava. Era o café mais amargo que ela já provara. Goro pareceu ter ficado espantado ao ouvir as estranhas palavras de Fumiko.

Esfregando a sobrancelha direita, Goro olhou para o seu relógio. Estava preocupado com a hora. Fumiko compreendia. Ela também estava com pressa.

– Hum... tenho algo importante a dizer – começou ela com rapidez.

Fumiko pegou o açúcar do pote a sua frente e encheu a xícara. Então, após acrescentar bastante leite, fez a colher retinir na xícara com suas vigorosas mexidas.

– O que é? – perguntou Goro, franzindo a testa.

Fumiko não sabia se ele estava franzindo a testa por causa do excesso de açúcar que ela pôs no café ou por não querer conversar sobre nada importante naquele momento.

– Bem... é... eu queria deixar tudo às claras.

Goro checkou novamente as horas.

– Só um segundinho. – Fumiko deu um gole no café que tinha adoçado. Depois fez que sim, satisfeita. Antes de conhecer Goro, ela não tomava café. Convidá-lo para um café foi o pretexto que fizera os dois saírem juntos. Ao observar curiosamente Fumiko, que odiava café, pôr freneticamente uma imensa quantidade de açúcar e leite na xícara, Goro abriu um sorriso sarcástico.

– Ei, a situação é séria e você fica aí rindo só porque eu estou bebendo o meu café?

– Não estou rindo.

– Mas é claro que está! Nem tem como negar, dá para ver estampado no seu rosto.

Fumiko se arrependeu de interromper o ritmo da conversa. Ela se dera ao trabalho de voltar ao passado, e agora as coisas iam tomando o mesmo rumo da semana anterior. Ele estava se afastando devido às palavras infantis dela.

Goro se levantou, parecendo irritado. Chamou Kazu, que estava atrás do balcão.

– Com licença... traz a continha por favor.

Ele estendeu o braço para pegar a conta.

Fumiko sabia que, se não fizesse nada, Goro pagaria e iria embora.

– Espere!

– Tudo bem, é melhor encerrar as coisas assim.

– Não foi isso que eu vim dizer.

– O que foi então?

*(Não vá.)*

– Por que não me contou antes?

*(Não quero que você vá.)*

– Bem, é que...

– Sei o quanto seu trabalho importa para você. Não estou dizendo que vou me incomodar se você for para os Estados Unidos. Não quero ser um empecilho.

*(Achei que íamos ficar juntos para sempre.)*

– Mas pelo menos...

*(Só eu que planejei isso?)*

– Queria que a gente conversasse sobre o assunto. Sabe, é revoltante você simplesmente decidir sem nem discutir isso comigo e...

*(Eu realmente... de verdade...)*

– É que... bem, sabe como é...

*(... amava você.)*

- Fiquei me sentindo desprezada.
- ...
- O que eu gostaria de dizer era que...
- ...

*(Não que vá mudar alguma coisa...)*

- Deixa pra lá... era só isso mesmo que eu queria dizer.

Fumiko pretendia falar com franqueza – afinal, o presente não mudaria. Mas acabou não conseguindo. Sentia que dizer o que queria seria admitir sua derrota. Ela teria se odiado depois se tivesse dito algo como, *O que vai escolher – o trabalho ou eu?* Antes de conhecer Goro, ela sempre pusera o trabalho em primeiro lugar. Era a última coisa que ela queria dizer. Também não queria se tornar um simulacro de mulher, especialmente com um namorado três anos mais novo – Fumiko tinha seu orgulho. Talvez também estivesse com inveja por ver que a carreira dele havia superado a dela. Então não havia se expressado com sinceridade. De qualquer modo... era tarde demais.

– Então tudo bem, vá... que seja... até parece que alguma coisa vai te impedir de ir para os Estados Unidos. – Depois de dizer isso, Fumiko tomou o resto do café. – Nossa.

Assim que a xícara ficou vazia, Fumiko voltou a ficar tonta. Foi engolida mais uma vez por um mundo oscilante e tremeluzente.

Ela começou a refletir. *Por que foi que eu voltei mesmo?*

- Nunca achei que eu fosse o homem certo para você.

Ela não entendeu por que Goro resolveu dizer isso agora.

– Quando você me convidou para um café – prosseguiu ele –, eu fiquei repetindo para mim mesmo que não podia me apaixonar...

- O quê?

– Afinal... – Ele passou os dedos na franja que tinha sido penteada para cobrir o lado direito da testa. Acabou deixando à mostra a grande cicatriz de queimadura que ia da sobrancelha

à orelha. – Antes de te conhecer, eu sempre acreditei que as mulheres me achavam repulsivo e eu nem conseguia me aproximar delas.

– Mas... Eu...

– Mesmo depois que a gente começou a namorar.

– *Isso nunca me incomodou!* – gritou Fumiko, mas ela já havia se unido ao vapor, e suas palavras não o alcançaram.

– Achei que era apenas uma questão de tempo antes que você passasse a gostar de outro cara... mais bonito.

*(Jamais... como pode pensar isso!)*

– Sempre acreditei que...

*(Jamais!)*

Fumiko ficou chocada ao ouvi-lo confessar essa bobagem pela primeira vez. No entanto, agora que Goro tinha dito, parecia fazer todo sentido. Quanto mais ela o amava e pensava em casamento, mais sentia uma espécie de barreira invisível.

Quando ela perguntava se ele a amava, ele fazia que sim, mas nunca dizia as palavras *eu te amo*. Quando os dois andavam juntos na rua, às vezes Goro olhava para baixo, como que se desculpando, e acariciava a sobrancelha direita. Goro também percebia que os homens sempre a paqueravam.

*(Não é possível que ele tenha se prendido a tamanha besteira.)*

Porém, enquanto refletia sobre isso, Fumiko se arrependeu do próprio pensamento. Embora para ela fosse uma bobagem, para ele era um arraigado e doloroso complexo.

*(Eu não fazia ideia de que ele se sentia assim.)*

A consciência de Fumiko já estava esvaecendo. Seu corpo estava sendo envolvido por uma sensação de tontura, de tremor. Goro pegara a conta e estava se dirigindo à caixa registradora com a bolsa na mão.

*(Nada no presente vai mudar. E isso é certo. Ele fez a escolha correta. Alcançar o próprio sonho vale muito mais para ele do que eu. Acho que preciso deixar Goro para trás. Vou deixá-lo partir e desejar-lhe sucesso de todo o meu coração.)*

Fumiko já estava fechando seus olhos raiados de sangue quando:

– Três anos... – disse Goro de costas para ela. – Por favor, espere três anos. Então eu volto, prometo.

Era uma voz baixinha, mas o café era pequeno. Apesar de agora ser puro vapor, Fumiko conseguiu escutar a voz de Goro com clareza.

– Quando eu voltar, a gente...

Goro tocou na sobrancelha direita por força do hábito e, de costas para Fumiko, disse mais alguma coisa, porém as palavras já estavam abafadas demais para que ela pudesse escutá-las.

– Hã? O quê?

Então a consciência de Fumiko daquele local tornou-se um vapor reluzente. Enquanto se esvaía, Fumiko viu o rosto de Goro olhando para trás antes de sair do café. Ela viu seu rosto por uma mera fração de segundo, e ele estava com um maravilhoso sorriso, como aquele de quando sugeriu “Talvez você possa me convidar para um café, não?”

Ao recobrar a consciência, Fumiko estava sentada na cadeira, sozinha no café. Parecia que tinha acabado de ter um sonho, mas a xícara na sua frente estava vazia. Ainda havia um gosto doce em sua boca.

Então, a mulher de vestido voltou do banheiro. Ao ver Fumiko na sua cadeira, aproximou-se em silêncio.

– Sai daí – disse ela com uma voz grave e sinistramente poderosa.

– Eu... me desculpe – pediu Fumiko, levantando-se da cadeira.

A sensação onírica ainda não se dissipara. Será que ela realmente tinha voltado ao passado?

Voltar no tempo não mudava o presente, então era normal que tudo parecesse igual. Da cozinha, saía um cheiro de café.

Ao que Fumiko se virou para olhar, Kazu apareceu com uma xícara de café fresquinho sobre a bandeja.

A garçonete passou por ela como se nada tivesse acontecido. Ao chegar à mesa, tirou a xícara usada de Fumiko e pôs o café novo na frente da mulher de vestido. A mulher assentiu em agradecimento e voltou a ler seu livro.

Ao retornar para o balcão, Kazu perguntou casualmente:

– Como foi?

Fumiko, ao ouvir tais palavras, finalmente teve a certeza de que tinha viajado no tempo. Ela voltara para aquele dia – uma semana atrás. Mas se ela tivesse...

– Estava pensando aqui...

– Sim?

– O presente não muda, né?

– Isso.

– Mas e as coisas que acontecem depois?

– Não sei se entendi.

– A partir de agora... – Fumiko estava escolhendo suas palavras. – A partir de agora... e o futuro?

Kazu olhou diretamente para Fumiko.

– Bem, como o futuro ainda não aconteceu, creio que depende de você... – disse ela, mostrando um sorriso pela primeira vez.

Os olhos de Fumiko brilharam.

Kazu parou na frente da caixa registradora.

– O café, o serviço, mais a taxa adicional devido ao horário... deu 420 ienes, por favor – disse a meia-voz.

Fumiko fez que sim e se aproximou da caixa registradora. Sentia-se leve. Após pagar, olhou nos olhos de Kazu.

– Obrigada – agradeceu e abaixou a cabeça.

Depois, ao dar uma boa olhada ao redor do estabelecimento, ela abaixou a cabeça outra vez, não para ninguém em particular – era mais para o próprio café. Em seguida, foi embora, despreocupada.

## DING-DONG

Kazu começou a guardar o dinheiro na caixa registradora com sua expressão impassível de sempre, como se nada fora do normal tivesse acontecido.

A mulher de vestido abriu um sorrisinho enquanto fechava silenciosamente seu livro, um romance intitulado *Os namorados*.